

Um breve percurso do MEB nos últimos 20 anos: replanejando o caminho

Gabriele Cipriani¹

Delci Maria Franzen²



ENTREVISTADO: **Gabriele Cipriani**

1 Introdução

O nosso entrevistado, padre Gabriele Cipriani, está ligado à Secretaria do MEB desde o ano de 2007. Inicialmente, trabalhou no serviço de relações institucionais e, em seguida, do ano de 2011 até o início de 2020, ocupou o cargo de Secretário Executivo. É importante ouvir do nosso entrevistado as informações e a sua percepção a respeito das peculiaridades, das crises, dos movimentos internos e externos que marcaram a caminhada e as opções do MEB neste período. Com uma longa trajetória de assessoria à Conferência

1. Padre Gabriele Cipriani, assessor de projetos do MEB, é de nacionalidade italiana, da cidade de Ceccano. É Doutor em Letras pela Universidade de Nápoles – Itália; graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Meridional da Itália e graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

2. Irmã Delci Maria Franzen, secretária executiva do MEB. Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF) – RS, com especialização em Teologia pelo McCormick Theological Seminary de Chicago University – RJ.

Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, especialmente no campo ecumênico, que o levou em seguida para a Secretaria do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC, padre Gabriele Cipriani viveu seu ministério nas comunidades de periferia dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais e depois nas comunidades dos acampamentos e assentamentos rurais e urbanos do Distrito Federal. Desenvolveu projetos de grande abrangência em vários estados, demonstrando coragem e confiança na missão do MEB e contribuindo imensamente neste último período da história.

A entrevista foi concedida por escrito para a atual secretária executiva, Irmã Delci Maria Franzen.

Delci Maria Franzen: Sabemos que tanto as origens como o contexto atual do MEB interessam muito aos nossos leitores, especialmente os que estão ligados ao campo da educação popular e à defesa e promoção dos Direitos Humanos. Os 60 anos trazem marcas de movimentos internos e externos que foram decisivos para o MEB. O que marca a história do MEB no início deste milênio e qual a importância do apoio da CNBB?

Gabriele Cipriani: O percurso histórico do Movimento de Educação de Base traz em seu bojo severas mudanças e transformações políticas, sociais e culturais — com destaque para a vida do campo e a urbanização massiva — e no campo religioso, com suas consequências. Ao enfrentar os desafios dessas mudanças, avaliações constantes acompanharam esse Movimento vinculado à Igreja Católica e às classes populares mais vulneráveis.

Na virada do milênio, o MEB estava ativo em seus departamentos, com problemas em alguns deles, com bons êxitos em outros, mas com uma grave crise administrativa e financeira difusa.

No ano de 2002, foram fechados os Departamentos Regionais e Diocesanos, permanecendo em atividade apenas uma Secretaria Executiva, em Brasília – DF.

As atividades ficaram restritas a iniciativas pontuais, sustentadas por uma pequena equipe. As doações, especialmente da cooperação internacional (*Misereor*), permitiram dar continuidade a certo número de atividades baseadas no voluntariado e em projetos em parceria com os governos (MEC e governos estaduais).

Foi difícil admitir que uma história tão significativa tivesse de chegar a uma situação de falta de perspectivas. Se a falta de recursos impossibilitava dar impulso ao Movimento a partir de um centro propulsor, na base, nos pequenos centros do interior, as educadoras e educadores populares não se conformavam com a nova situação. Mas a falta de centros de referência apagou significativamente as numerosas iniciativas levadas adiante até então.

Foi nesse contexto que muitas pessoas pensaram que o MEB tivesse definitivamente encerrado suas atividades.

Na avaliação dos responsáveis pela Igreja Católica, diante do cenário de dificuldades financeiras e na dúvida relativa à conveniência de continuar sustentando um movimento nascido em outro contexto eclesial e social, prevaleceu a decisão de fazer uma parada e iniciar um tempo de reflexão. Haveria de se buscar inspirações para uma renovação que confirmasse nos tempos atuais a validade de um movimento que trouxesse as marcas da opção pelos pobres, da luta social, da resistência política diante da repressão.

Quando o MEB foi fundado, em 1961, a população brasileira estava ainda majoritariamente espalhada no campo e a Igreja vinha adotando práticas pastorais diretamente relacionadas às transformações sociais e políticas como a educação de base, a formação dos sindicatos rurais, as diversas frentes de ação da Juventude Católica, a fundação da SUDENE. No ano 2000, o rápido crescimento da população, a crise do trabalho no campo e a urbanização massiva obrigaram um grande número de famílias a levantar suas frágeis moradias na periferia das cidades e a mudar de vida.

A mudança do perfil religioso da sociedade brasileira, dentro de um processo que foi denominado “pentecostalização brasileira”, passou progressivamente, de 93,5% de católicos romanos em 1950 a 73% no ano 2000, de acordo com o IBGE. Com a modernização da sociedade e os câmbios culturais, sobretudo nas cidades, onde vive hoje a grande maioria da população, a identidade nacional foi se separando da identidade católica. No interior da Igreja Católica, um movimen-

to de centralização e reorganização em torno da hierarquia religiosa levou a uma nova valorização das dimensões espirituais e devocionais, na tentativa de remarcar a identidade cultural tradicional católica.

A própria instituição Igreja mudou sua relação com o estado, se colocando no contexto da sociedade civil onde age de modo a influir na política com base em sua mensagem religiosa e sociopolítica. Sua posição em favor da defesa e promoção dos direitos humanos foi se organizando ao redor das pastorais sociais, que se multiplicaram rapidamente, mas perdeu força no engajamento social e político, cedendo parte do seu protagonismo para as entidades da sociedade civil organizada.

Mas persistiu o cenário da desigualdade social, que apareceu em novas formas na sociedade urbanizada: as pessoas em condição de analfabetismo contam-se ainda aos milhões, a pobreza aflige grande parte da população, os sem-teto se amontoam nos acampamentos ou perambulam pelas ruas, os sem-trabalho se multiplicam e a democratização do Estado brasileiro vacila entre o poder conservador das elites e a movimentação das classes populares em busca da efetivação das garantias constitucionais. É nesse contexto brevemente descrito que a CNBB deu ainda crédito ao MEB para que atualizasse sua missão a serviço dos mais pobres, ficando ao lado deles em nome do Evangelho, compartilhando as suas lutas pelos direitos e pela libertação das novas escravidões, articulando-se com as pastorais sociais e outros movimentos como “[...] um verdadeiro exército invisível que luta nas trincheiras mais perigosas. Um exército sem outra arma senão a solidariedade, a esperança e o sentido da comunidade [...]” (PAPA FRANCISCO, 2020, *on-line*).

Delci Maria Franzen: Diante de tantos desafios, o que caracteriza a organização interna do MEB, para assegurar a continuidade e um novo impulso na missão?

Gabriele Cipriani: O fechamento dos departamentos compreendeu um grande e paciente trabalho de rotina ligado especialmente ao recolhimento da documentação administrativa e organização de um arquivo central. Não havia como centralizar o amplo material histórico que ficou nas dioceses ou regionais da CNBB. Estes fundos históricos continuam sendo procurados pelos pesquisadores que estudam os diversos períodos e características regionais da história do Movimento; às vezes com sucesso, porque a documen-

tação foi bem conservada, outras não, por ter sido em parte perdida.

Nesta operação, a maior dificuldade foi dialogar com “mebianas e mebianos”, ativos e entusiastas em seu trabalho no meio do povo, que aceitavam com relutância uma decisão que consideravam rigorosa e privada de interlocução suficiente.

A mobilização de recursos é um assunto de interesse de qualquer organização da sociedade civil. Pelo convênio inicial com o MEC, o MEB pôde garantir durante anos a sustentabilidade dos projetos de educação popular e de alfabetização. Agora, os caminhos para mobilizar recursos tornou-se um dos principais desafios para que os projetos saiam do papel. Neste sentido, a cooperação ininterrupta da *Misereor*³ permitiu reorganizar uma pequena secretaria executiva e corajosamente iniciar a elaboração de novos planos de ação social.

A passagem crítica do MEB, no início do novo milênio, havia estabelecido interrogações e desafios relevantes ao Movimento: em que sentido, depois do fechamento dos departamentos nos regionais e nas dioceses, onde o movimento escrevera uma história marcante, o MEB poderia continuar sendo um movimento? Quais novos caminhos poderiam ser traçados para dar continuidade à sua missão já considerada histórica? Como reestruturar seu centro impulsionador atingido pela crise financeira? Qual seria a amplitude de novos projetos sustentados por uma equipe mínima e com poucos recursos humanos e financeiros? Afinal, teria ainda o MEB uma missão a cumprir nesta época de mudança na vida das pessoas mais vulneráveis e nos rumos gerais da sociedade brasileira e das políticas públicas?

Um marco, porém, nesse período, é o atual Estatuto do MEB, de outubro de 2010, que viu empenhados os bispos do Conselho Deliberativo e a assembleia da CNBB, a quem competia sua aprovação. No Estatuto, foram recolocadas as bases não somente jurídicas, mas reafirmados os princípios inspiradores e finalidades do MEB:

Art. 2. A promoção integral, humana e cristã, de jovens e adultos, mediante o desenvolvimento de programas e projetos educacionais e culturais, tendo como foco principal a educação popular, baseados

em núcleos de educação de base, localizados preferencialmente nas dioceses e regionais da CNBB.

Linhas de ação:

- a) construção de uma sociedade democrática, justa e ética, com fundamento nos direitos da pessoa humana e tendo por meta a convivência harmoniosa e pacífica dos cidadãos;
- b) conscientização e vivência da cidadania e da participação social na preservação ambiental, como pressuposto do desenvolvimento sustentável;
- c) valorização do voluntariado, principalmente pela participação popular e comunitária nas políticas públicas, voltadas para as necessidades das populações mais pobres excluídas;
- d) educação de jovens e adultos, segundo métodos compatíveis com os propósitos da instituição, levando em consideração as genuínas peculiaridades e diversidades dos grupos sociais, de modo a contribuir para a preservação da identidade cultural das comunidades;
- e) capacitação de jovens e adultos das comunidades pobres para exercerem atividades produtivas que propiciem a sua inclusão social” (ESTATUTO DO MEB, 2010).

A secretaria executiva promoveu também estudos; e tentativas de replanejamento, estímulos e colaboração não faltaram, mas, na opinião da própria secretaria e dos conselhos, não se chegou a dar passos satisfatórios. Além disso, a questão dos recursos financeiros e os aspectos legais foram um obstáculo enfrentado dia a dia com sacrifício durante essas duas décadas, desde 2002.

Delci Maria Franzen: De que forma o MEB conseguiu reorganizar e fortalecer as suas bases e quais foram as ações importantes neste período seguinte?

Gabriele Cipriani: A organização do MEB havia desmoronado rapidamente. Quem conhecia o MEB por ter ouvido falar achou que o movimento não existia mais. Mas o povo do MEB, educadoras e educadores, continuava vivo do Amazonas à Bahia, do Maranhão a Minas Gerais, do Piauí ao Ceará, ao Rio Grande do Norte e a outros estados. Um movimento com raízes profundas vive no povo e ressurgiu de repente das cinzas.

Era necessário que o MEB não perdesse de forma alguma o contato com esse povo de educadoras e educadores populares. O primeiro caminho foi procurar

3. Agência de Cooperação Internacional da Conferência dos Bispos Católicos da Alemanha.

parcerias com os governos que ofereciam possibilidades de convênios, primeiro com o MEC, depois com governos estaduais. Foi possível, assim, manter ativo o MEB no Piauí, no Maranhão e parcialmente no Amazonas. Um convênio de mais longo respiro foi assinado com o governo de Minas Gerais, com o apoio de Dom Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana que já havia terminado seu mandato de presidente da CNBB. Foi um projeto de alfabetização que se prolongou por quase 5 anos no âmbito de um projeto maior de desenvolvimento do Norte de Minas Gerais, o Cidadão Nota 10, que abrangia várias áreas de promoção social.

No âmbito do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), realizado pelo MEC desde 2003, viu-se o MEB ativo no Piauí e no Maranhão. Recentemente, utilizando também a plataforma Moodle, foi realizado o amplo projeto de alfabetização Territórios da Reforma Agrária Livres do Analfabetismo, em assentamentos da reforma agrária nos estados de Alagoas, Ceará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e São Paulo. Este projeto proporcionou ao MEB a oportunidade de uma articulação importante com o próprio Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária – PRONERA, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST e a Comissão Pastoral da Terra – CPT, historicamente comprometidos com a reforma agrária.

Os projetos acima, se de um lado mantinham o MEB presente na luta pela superação do analfabetismo, do outro, tinham o sabor amargo da descontinuidade. Começar e interromper provocava insatisfação, especialmente nas educadoras e educadores.

O pequeno grupo da secretaria executiva sediado em Brasília amadureceu a convicção de que precisava reiniciar partindo de um MEB pequeno, mas que aproveitasse a riqueza da sua inspiração e acúmulo das suas experiências para marcar nova presença entre as pessoas mais vulneráveis da periferia do Distrito Federal, sem esquecer a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas, agora dispersas nas periferias das cidades.

Iniciaram-se assim programas de formação de educadoras e educadores populares em acampamentos urbanos e assentamentos rurais, em bairros periféricos do Distrito Federal. Formaram-se grupos de aprendizagem e foram promovidos processos de Jornadas Comunitárias que levaram essas comunidades a se tornar cada dia mais conscientes de que a conquista dos direitos à moradia digna, ao trabalho reco-

nhecido, à saúde, à escola para os filhos é um percurso e uma vitória da própria comunidade.

Na formação, resgatou-se a mística do MEB a partir das palavras de Dom Hélder Câmara e de Abbé Pierre no manifesto Apelo aos humanos, assinado por eles em 18/08/1996: “Servir e fazer que sejam servidos primeiro e em todo lugar os mais pobres”. O método VER–JULGAR–AGIR, com o acréscimo de celebrar com entusiasmo o esperar da libertação dos pobres, garante ao MEB, também em novos contextos, caminhar seguro, em sintonia com a Doutrina Social da Igreja Católica, que, a partir do papa João XXIII, no seu documento *Mater et Magistra*, de 15 de maio de 1961, utiliza o método da Ação Católica nas redações das Encíclicas Sociais.

Delci Maria Franzen: Na sua opinião, quais são os maiores desafios para a missão do MEB no contexto atual da educação e da evangelização?

Gabriele Cipriani: O mundo atual que tudo transforma em espetáculo, em que as grifes valem mais do que as pessoas, onde o dinheiro parece valer mais do que a vida, alimenta suas próprias contradições: “A educação continua sendo desigual entre a população mundial. A pobreza, a discriminação, as mudanças climáticas, a globalização da indiferença, e a redução do ser humano a coisas, murcham o florescimento de milhões de criaturas” (PAPA FRANCISCO, 2020, *on-line*).

O MEB se reorganiza nesse contexto na contramão do sistema, aceitando os desafios de afirmar o respeito contra a discriminação, o cuidado da vida contra o descarte, a equidade contra o lucro, a solidariedade contra as leis cruéis do mercado. Vou descrever a seguir alguns dos maiores desafios.

O voluntariado é um dos desafios fundamentais que o MEB enfrenta no contexto atual, não somente porque não pode contar mais, como no passado, com recursos financeiros do Estado, mas especialmente porque a cultura do lucro se sobrepõe à cultura da solidariedade. O voluntariado não é fruto de um sentimento momentâneo e fugaz, nem um *hobby* para gastar de maneira inteligente o tempo livre, mas uma opção profundamente cristã que dá concretude à caridade, ao serviço prioritário das pessoas mais necessitadas. Cristão que não sabe doar, cristão não é. Lutamos sempre por um salário justo que compensa um trabalho honesto e digno, muitas vezes objeto de exploração desumana e cruel. Continuamos defen-

dendo a dignidade do trabalho humano e os direitos dos trabalhadores, mulheres e homens. Mas todos, também as pessoas abastadas, necessitamos de solidariedade, da doação voluntária, que é amor, é conforto, é libertação. Como diz Antoine de Saint Exupery: “A verdadeira solidariedade começa onde não se espera nada em troca”. O voluntariado que o MEB quer que triunfe no movimento é doação de parte do tempo livre da nossa vida, mas é, especialmente, a doação daquilo que sabemos e somos, nos colocando na contramão do sistema, segundo a inalterável palavra do Evangelho: “Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24).

Durante estes últimos anos, o MEB operou com muita dificuldade para realizar atividades locais em dioceses e paróquias da Igreja Católica. Além das dúvidas que haviam se espalhado sobre os motivos do fechamento dos departamentos, reapareceram antigos equívocos sobre a distinção de campo e método entre catequese e evangelização. Deve-se acrescentar também uma equívoca identificação do conceito de nova evangelização com a missão entendida como movimento para chamar de volta às práticas religiosas católicas. Enfim, difundiu-se certo esvaziamento do Evangelho em favor de uma espiritualidade devocional que pede insistentemente a Deus que seja ele a resolver os problemas materiais da vida humana na Terra, que Ele próprio, segundo o livro de Gênesis, entregou aos seres humanos.

As novas tecnologias da comunicação continuam trazendo à memória a educação popular pelo rádio de pilha, que marcou a história do MEB desde as origens. Foi até preparada uma sala para essa finalidade em espaço onde trabalha a secretaria executiva, usando a plataforma Moodle para a formação dos educadores em projetos de alfabetização. Outras iniciativas em parceria foram tomadas neste tempo de pandemia, mas a posse dos meios de comunicação, a exploração comercial, seu uso político permanecem como um desafio que ultrapassa essas experiências. Além disso, não se pretende fazer do MEB um movimento somente virtual que utiliza a força poderosa das mídias e redes para influenciar os grupos sociais e sim reorganizar o movimento no território, nas comunidades periféricas, ao lado das pessoas, acolhendo demandas, dialogando com elas, organizando grupos de base, descobrindo e convocando lideranças locais.

O povo nos acampamentos mora em tendas e barracos. Os departamentos do MEB no passado ser-

viam-se de espaços em dependências de dioceses e paróquias. Hoje, os núcleos de base que se formam em vários lugares devem conquistar um ponto de encontro ou de referência e lançam novo desafio que deverá ser enfrentado vez por vez com a coragem e constância dos acampados.

Mas o desafio maior é a inserção nos ambientes e o diálogo com o mundo e as culturas que transitam nas periferias urbanas. A periferia é mundo de desconhecidos, de pessoas de diversas origens e cultura. Quem são nesse ambiente os que conseguiram sair da precariedade e quem são os que ficaram mais vulneráveis? Ninguém mais sabe onde estão as pessoas em condição de analfabetismo, nem elas se expõem procurando a escola ou saindo às ruas com cartazes anunciando “Eu sou analfabeta”. Uns poucos, geralmente mais jovens, procuram os cursos EJA agregados ao ensino formal, mas a maioria permanece excluída e escondida. O propósito é formar grupos de educadores populares voluntários que se engajem na busca ativa dessas pessoas para formar grupos de ensino/aprendizagem visando à inclusão social, tendo ainda que responder à pergunta: “inclusão em qual sociedade”? Também a descoberta e a formação de novos educadores populares imbuídos da mística *mebiana* — **servir e fazer que sejam servidos os mais pobres** —, militantes nas lutas pela transformação social, apresenta os desafios de uma introdução a uma mística do serviço que se aprende servindo, assim como a amar se aprende amando.

As famílias da periferia têm apresentado ao MEB a dramática situação dos filhos e filhas adolescentes. Não somente porque nestes anos as diferenças entre as gerações cresceram de maneira relevante com relação ao passado, mas, especialmente, porque muitas causas tornaram frágeis os referenciais da família e da escola. Outros lugares de socialização, simbolizados pela rua, atraem os adolescentes que acabam entrando em ambientes de risco e marginalização e até de criminalidade. Aos educadores do MEB cabe a árdua tarefa de reunir e acolher, em novos espaços de socialização, grupos de adolescentes e acompanhar o desenvolvimento das suas capacidades de produzir sua própria cultura, com sua linguagem, com um estilo de vida diferenciado e uma visão de mundo que os leve a construir sua vida com determinação e confiança.

Delci Maria Franzen: Conte-nos como aconteceu a aproximação do grupo de “mebianos e mebianas” para esta ação ampla e conjunta que conhecemos hoje.

Gabriele Cipriani: Como no drama de Luigi Pirandello, “Seis personagens à procura de um autor”, ao consolidar-se a experiência no Distrito Federal, reaparecem na cena amigos e amigas que tiveram compromisso com as atividades do MEB em anos anteriores, cada qual com sua experiência vivida em tempos e lugares diferentes. Contatos virtuais, troca de mensagens, encontros pessoais levaram a organizar na cidade de Recife, em Pernambuco, uma convivência de três dias, à moda antiga. Em lugar modesto se reencontraram um bom número de mebianos. As lembranças, as antigas lutas suscitaram sugestões e propósitos. O grupo se reconheceu e se comprometeu novamente em participar do percurso de renovação do MEB. O encontro, realizado em Recife, onde nasceu Paulo Freire, onde Dom Helder Câmara testemunhou sua opção pelos pobres até o fim de sua vida, levou os mebianos a lançar a carta que segue:

CARTA DE RECIFE

“[...] não esqueçam a regra de toda paz, de toda justiça, de toda solidariedade: servir e fazer que sejam servidos, primeiro e em todo lugar os mais pobres [...]” (DOM HÉLDER CÂMARA E ABBÉ PIERRE, APELO AOS HUMANOS, RECIFE 1996).

No período de 21 a 23 de março de 2019, na cidade de Recife, educadoras e educadores populares de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e do Distrito Federal estiveram reunidos com os Bispos do Conselho Deliberativo e o Secretariado Nacional do Movimento de Educação de Base (MEB), organismo vinculado à CNBB, para refletir a sua trajetória, a realidade sociopolítica do Brasil e para pensar o presente e o futuro do Movimento.

O evento, como atividade comemorativa dos 58 anos do MEB, inicia o processo de preparação dos 60 anos do Movimento. Em Recife, viemos ao encontro inspirador de Dom Helder Câmara e Paulo Freire. Os dois, juntos, representam o compromisso do MEB com os sofrimentos e as esperanças das pessoas pobres, empobrecidas e oprimidas, afirmado na identidade e prática pedagógica do Movimento de Educação de Base.

Decididos a levar adiante o processo de renovação do MEB e firmar o seu lugar na sociedade do século XXI, como movimento cristão e de educação popular, manifestamos a nossa preocupação com o grave momento histórico que o Brasil vive. Para além de uma situação conjuntural, identificamos as causas estruturais da difícil realidade em que vivemos, e profeticamente denunciadas nas palavras do Papa Francisco, que nos diz: “Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando a autonomia dos mercados e da especulação financeira, e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema nenhum” (EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII GAUDIUM, 2014). Nossa posição na Igreja e na sociedade, assim como fizeram Dom Helder Câmara e Paulo Freire, é a partir do lugar onde as pessoas pobres vivem e desenvolvem ações de defesa da dignidade humana e de conquista dos direitos a elas negados, para construirmos juntos uma sociedade mais justa e fraterna. Nossas práticas educativas, na Educação Popular no Brasil e América Latina, são nossos testemunhos e nossa contribuição àquela mudança das pessoas que nos torna capazes de transformar a sociedade, para que este planeta seja de verdade nossa casa comum. Partícipes de uma Igreja comprometida com a justiça social e a ecologia, e de uma educação popular emancipadora, convocamos as mebianas e os mebianos, as educadoras e educadores populares de todo o Brasil, a darmos as mãos para continuar a caminhada e enfrentar os desafios que o momento histórico nos apresenta. Com esperança e fé, Recife, 23 de março de 2019” (ARQUIVO MEB).

Tendo em vista a celebração dos 60 anos da fundação do MEB, o grupo continua se comunicando e se articulando, dando continuidade à reflexão, apresentando sugestões e propostas voltadas à compreensão da sociedade brasileira no contexto destes nossos dias, à atuação pastoral da Igreja Católica a que o MEB permanece vinculado, à renovação do MEB como movimento de práticas educativas populares.

Delci Maria Franzen: Queremos encerrar esta entrevista com uma pergunta que não poderíamos deixar de fazer diante do contexto sofrido em que se encontra o mundo e em especial o Brasil: de que forma a pandemia da Covid-19 impactou as ações do MEB, na véspera dos seus 60 anos?

Gabriele Cipriani: A pandemia da Covid-19 impôs novo calendário, mas não fez esmorecer a missão do MEB e o compromisso dos mebianos. A pandemia nos transformou em naufragos que acenam de longe aos que afogam no mar, que pensam ou falam sozinhos, como Chuck no filme de Tom Hanks: “[...] Tenho que continuar respirando, amanhã o sol vai nascer; ninguém sabe o que a maré vai trazer [...]”. Sentir as dores, os suspiros uns dos outros, as afirmações corajosas de esperança de um sol que ainda deve nascer marcaram os primeiros contatos em uma tragédia que ainda não acabou. Mas o grupo da secretaria executiva e os educadores populares ligados ao MEB sentiram o chamado a reagir, a estender a mão, e unidos atenderam às primeiras invocações das famílias em necessidade extrema na periferia de Brasília: distribuição de cestas básicas e material de higiene e proteção; uso do *WhatsApp* e telefone para se comunicar. E não só. Também orientações, ensaios de ensino remoto para quem tivesse acesso à *internet*, participação em várias iniciativas de reflexão, palestras, debates por videoconferências, com destaque para o evento “Colóquio: Cartas para Paulo Freire” promovido pela Universidade de Brasília (UnB), em parceria com a Universidade Católica de Brasília (UCB), a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), dando início às iniciativas de celebração do Centenário de Paulo Freire. Mas a pandemia ainda não parou e as atividades no primeiro semestre de 2021 continuam de forma virtual: a construção coletiva do novo Projeto Político Pastoral do MEB, encontros de formação para educadores populares sobre o diálogo e a paz em sintonia com a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021 e a preparação do curso livre e gratuito sobre Educação Popular e Direitos Humanos, em parceria com a Universidade Católica de Brasília (UCB – Ead), encontros de ensino-aprendizagem de forma remota com educandos que não interromperam o processo de alfabetização, participação em campanhas significativas como a Campanha Latino-Americana e Caribenha pelo centenário de nascimento de Paulo Freire.

Chegando aos 60 anos, o MEB continua com audácia o seu serviço à sociedade brasileira, unindo-se à libertação dos oprimidos — um serviço marcado por períodos de comedimento, mas nunca interrompido, e que inicia um novo caminho na certeza de que “[...] a Páscoa de simples verbalização é morte sem ressurreição. Só na autenticidade da práxis histórica, a Páscoa é morrer para viver” (FREIRE, 1978, p. 14).

REFERÊNCIAS

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Números de católicos romanos**, 2000.

PAPA FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco aos movimentos populares**. Cidade do Vaticano, 12 de abril de 2020, Domingo de Páscoa. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco_20200412_lettera-movimentipopolari.html>. Acesso em: 03 maio 2021.

_____. Convegno sul tema Education Global Compart. In. **Vatican New**. Cidade do Vaticano, 07 de fev. 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-educacao-pensar-generacoes-futuras-futuro-humanidade.html>>. Acesso em: 03 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos**. Lisboa: 14 Edições Base, 1978.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE. **Carta de Recife**. Recife, PE: 23 MAR. 2019.

_____. **Estatuto do MEB**. Brasília, DF: 2010.